



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

FEIÇÕES DECADENTES: UMA LEITURA DE *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*



DECADENT FEATURES: A READING OF *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*

Elayne da Silva PORTO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Carina Marques DUARTE

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 02/12/2023 • APROVADO EM 19/07/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1400>

Resumo

Em 2009, o escritor Luiz Ruffato publicou a novela *Estive em Lisboa e lembrei de você*, cujo protagonista, o mineiro Serginho, após recorrentes fracassos, decide migrar para Portugal. Durante a narrativa, são apresentadas personagens portuguesas, que, apegadas a um passado de conquistas, demonstram dificuldades em lidar com a realidade em que vivem. Diante disso, o objetivo deste trabalho é verificar em que medida algumas personagens lusitanas de *Estive em Lisboa e lembrei de você* são caracterizadas por um déficit de realidade e como, frequentemente, na narrativa, a Portugal é endereçado o rótulo de país decadente. Além disso, analisamos a produtividade do diálogo com Fernando Pessoa para

a feição decadente do protagonista. Para tanto, foram lidos e analisados os seguintes textos literários: *Estive em Lisboa e lembrei de você* e o poema "Tabacaria", de Fernando Pessoa-Álvaro de Campos. A fim de investigar a representação de Portugal como um país decadente ou periférico, buscamos suporte teórico em Boaventura de Sousa Santos (2003) – em cujo texto "Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade" afirma que, desde o século XVII, Portugal ocupa uma posição semiperiférica –, Margarida Calafate Ribeiro (2003) e Eduardo Lourenço (2012). Foram indispensáveis, na elaboração da análise, as formulações teóricas de Laurent Jenny (1979) sobre a intertextualidade. Os resultados apontam para a conjugação de feições decadentes na novela: a das personagens portuguesas – que sugere a posição semiperiférica de Portugal – e a do protagonista, o brasileiro, que, desempregado, vai morar na periferia de Lisboa e aceita trabalhar como ajudante de pedreiro. Por fim, consciente de seu fracasso, o protagonista, ao final da novela, dialogando com o poema "Tabacaria", de Pessoa-Campos, entra em uma tabacaria para comprar cigarros, único alívio para aquele que está cômico de que falhou em tudo.

Abstract

In 2009, writer Luiz Ruffato published the novel *Estive em Lisboa e lembrei de você*, whose protagonist, Serginho, from Minas Gerais, decides to migrate to Portugal after repeated failures. During the narrative, Portuguese characters are presented who, attached to a past of conquests, show difficulties in dealing with the reality in which they live. In view of this, the aim of this work is to verify the extent to which some of the Portuguese characters in *Estive em Lisboa e lembrei de você* are characterized by a reality deficit and how, frequently in the narrative, Portugal is addressed with the label of a decadent country. We also analyzed the productivity of the dialogue with Fernando Pessoa for the decadent nature of the protagonist. To this end, the following literary texts were read and analyzed: *Estive em Lisboa e lembrei de você* and the poem "Tabacaria", by Fernando Pessoa-Álvaro de Campos. In order to investigate the representation of Portugal as a decadent or peripheral country, we sought theoretical support from Boaventura de Sousa Santos (2003) - who, in the text "Entre Próspero e Caliban", states that since the 17th century Portugal has occupied a semi-peripheral position - Margarida Calafate Ribeiro (2003) and Eduardo Lourenço (2012). Laurent Jenny's theoretical formulations on intertextuality were indispensable in the analysis. The results point to the combination of decadent features in the novel: that of the Portuguese characters – which suggests Portugal's semi-peripheral position – and the decadent feature of the protagonist, the Brazilian, who, unemployed, goes to live on the outskirts of Lisbon and accepts work as a bricklayer's helper. Thus, aware of his failure, the protagonist, at the end of the novel, dialoguing with Pessoa-Campos' poem, goes into a tobacconist's shop to buy a cigarette, the only relief for someone who is aware that he has failed at everything.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Luiz Ruffato. Semiperiferia. Déficit de realidade. Intertextualidade. Fernando Pessoa.

Keywords: Luiz Ruffato. Semiperiphery. Deficit of reality. Intertextuality. Fernando Pessoa.

Texto integral

Introdução

Luiz Ruffato, escritor mineiro nascido em Cataguases, interior de Minas Gerais, conta, em suas obras, histórias do cotidiano vividas por pessoas que estão à margem da sociedade. Tal característica revela a urbanidade de sua literatura, na qual a diversidade é um elemento presente. O autor, conforme revela em uma entrevista (Luiz [...], 2020), resolve pôr em cena personagens da classe média baixa urbana brasileira ao perceber que faltava a representação dessa grande parcela da população no cenário literário nacional. Outra peculiaridade de suas produções é o sentimento de familiaridade que elas despertam no leitor. Ao responder a questão “De onde vêm esses seres?”, que lhe fora dirigida por Beth Brait (Ruffato, 2017, p. 119), Ruffato diz acreditar que, ao escrever, ele “[...] apenas intermediava a manifestação da memória coletiva [...]”, e, ao visitar essa memória comum a todos e trazer dela histórias, acaba por despertar no leitor uma lembrança real.

A novela *Estive em Lisboa e lembrei de você*, publicada em 2009, faz parte de uma série de livros da coleção Amores Expressos, da qual Luiz Ruffato foi convidado a fazer parte. Após passar um mês na cidade de Lisboa, e seguindo a proposta do projeto, surge a história que, segundo o autor (Luiz [...], 2009), abraça a temática do amor. Conforme consta na nota de apresentação do livro, Ruffato transcreve o depoimento de Sérgio de Souza Sampaio, mineiro, nascido em Cataguases, que reside em Portugal. Ruffato² tenta manter um tom de oralidade em sua escrita, por isso, a personagem não fala português brasileiro, mas sim “mineirês”.

A obra é dividida em duas partes e traz a história de Serginho, como é conhecido o protagonista. Na primeira parte, intitulada “Como parei de fumar”, o enredo se passa no Brasil, na Cidade de Cataguases, interior de Minas Gerais. O mineiro desfruta de uma vida tipicamente interiorana, até que tudo começa a desandar: ele é demitido do emprego, seu casamento fracassa e perde a guarda do filho. Desiludido e desesperançoso, o brasileiro decide emigrar para Portugal em busca de uma melhor condição financeira. O sonho de Sérgio é alimentado pelos que dizem que lá é o lugar ideal para quem não tem preguiça de trabalhar e, em meio a tantas oportunidades de emprego, seria possível juntar um bom dinheiro e retornar à terra natal.

Entretanto, na segunda parte do livro, intitulada “Como voltei a fumar”, podemos notar que a realidade é bem diferente do que Serginho sonhou. Ao chegar a Lisboa, depara-se com todas as dificuldades de um imigrante em um país desconhecido, e vai dando-se conta de que não retornará à sua pátria. Através do relato de Serginho, são reveladas as situações vividas por emigrantes brasileiros, como, por exemplo, o trabalho ilegal, a prostituição, as humilhações e a frustração de não conseguir realizar o desejo de melhorar de vida e retornar ao Brasil.

Além das personagens brasileiras, a novela também apresenta personagens portuguesas, e, através das circunstâncias narradas, é possível perceber que Portugal não é o país das oportunidades nem mesmo para os lusitanos. Da mesma maneira que notamos um protagonista sonhador, os portugueses também se mostram sonhadores, uma vez que, apegados a um passado de conquistas, demonstram dificuldades em lidar com a realidade em que vivem.

Diante disso, o objetivo deste artigo é verificar em que medida algumas personagens portuguesas de *Estive em Lisboa e lembrei de você* são caracterizadas por um déficit de realidade e como, frequentemente, na narrativa, a Portugal é endereçado o rótulo de país decadente. Ademais, pretendemos analisar a produtividade do diálogo com Fernando Pessoa para a feição decadente do protagonista.

Para tanto, foram lidos e analisados os seguintes textos literários: *Estive em Lisboa e lembrei de você* e o poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa-Álvaro de Campos. A fim de investigar a representação de Portugal como um país decadente ou periférico, buscaremos suporte teórico em Boaventura de Sousa Santos (2003) – que, no artigo “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade”, afirma que, desde o século XVII, Portugal ocupa uma posição semiperiférica –, Margarida Calafate Ribeiro (2003) e Eduardo Lourenço (2012). Foram indispensáveis, na elaboração da análise, as formulações teóricas de Laurent Jenny (1979) sobre a intertextualidade.

Personagens decadentes

Na primeira parte da novela, “Como parei de fumar”, conhecemos o protagonista: um rapaz de boa índole, trabalhador e cheio de problemas. O vício do tabaco aparece como ponto de partida da história, mas, logo em seguida, Serginho conta sobre seu casamento forçado com Noemi, uma mulher de “ideia fraca” (Ruffato, 2009, p. 16) que, ao dar à luz o filho do casal, começa a ter vários episódios de surto, sendo que, em seu último ato de loucura, fica nua em frente à prefeitura e acaba sendo internada. A partir desse momento, tudo piora na vida de Serginho, pois, além da doença psíquica da esposa, ele perde a guarda do filho, é dispensado do emprego e ainda sofre em decorrência do falecimento da mãe.

[...] não fosse a Noemi ser pega pelada em frente à Prefeitura, em plena tarde de sol quente, e aquilo tresandava em tragédia. Internaram ela numa clínica de repouso em Leopoldina, apossaram do Pierre pra criar (mudaram pra Granjaria, poupando da bisbilhotice dos vizinhos) e demandaram contra mim um processo por maus-tratos, negligência e abandono de incapaz – sendo incapaz a Noemi, e testemunhas os velhinhos da Stela –, mais as pensões de praxe. Eu vivia tão desacorçoado que não rendia mais na fábrica: as faltas e a desatenção me cortaram a carreira, e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe (Ruffato, 2009, p. 16-17).

Diante dos fatos, Serginho se vê sem rumo e desiludido, até que, em meio a uma conversa de bar, é incentivado a se aventurar em Portugal para melhorar de vida e retornar para a cidade como um magnata:

Assim, um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pingüços no Beira Bar, mencionei, meio impensado, quando me perguntaram “O quê que você vai fazer da vida agora, ô Serginho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou

outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo [...] “Eu vou é pra Portugal”, decidi, e, impressionados, os colegas me cercaram, parabenizando pela minha coragem, minha audácia, e já encomendando lembrancinhas pra quando eu viesse a passeio (Ruffato, 2009, p. 17-18).

Serginho não é o único que começa a sonhar com a ida para o país ibérico e o retorno triunfante, visto que todos à sua volta fazem planos a respeito da migração (enquanto uns pedem lembrancinhas, outros tentam vender seus imóveis). A partida do protagonista vira um evento na cidade de Cataguases, a população comemora e seus familiares e amigos se despedem, e o aventureiro, em meio a sentimentos de esperança e receio, deixa a cidadezinha para trás.

E, na manhã que parti, impossível esquecer, uma multidão amontoou na frente de casa, a rua enformigada que nem dia de festa de São Cristóvão, faixas estendidas, [...] alastraram as palmas e os assobios, “Vai, Serginho!”, pipocou o foguetório, “Viva o Serginho!”, uma latomia, soluçando, minha irmã falou, “Até parece casamento”, e, confesso, eu, que não costumo dobrar a essa bobija de sentimentalismos, desatei o nó da garganta, e umas lágrimas extravasaram, reclamei, “Ô merda, sô!”, de um cisco no olho, e meio besta, fiquei ali acenando, receio de nunca mais retornar (Ruffato, 2009, p. 25-26).

[...] e, educadamente, solicitaram que eu ocupasse minha poltrona, estávamos atrasados, e no meio do tumulto a Semíramis clamou, “Esquece de dar notícia não, meu bem!”, cruzamos a ponte nova, flanqueamos a Industrial, atravessamos a Vila Minalda, e, numa curva, depois do Clube Meca, Cataguases desapareceu, e o senhor, sentado ao meu lado, respeitoso, perguntou se viajava a passeio ou a negócio (Ruffato, 2009, p. 27).

Com a chegada do protagonista a Lisboa, inicia-se a segunda parte da novela, “Como voltei a fumar”. Ainda no aeroporto, tem-se o primeiro choque cultural, quando Serginho, em seu primeiro contato com um português, entrega o passaporte a um rapaz e o cumprimenta com um “bom dia”, mas ele “[...] nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema, pensei comigo que ele não devia estar bem dos bofes, mas toquei pra frente [...]” (Ruffato, 2009, p. 28). Ademais, pode-se encarar como um mau presságio o trecho em que, ao chegar cansada ao Hotel Vizeu, a personagem descreve a experiência do voo:

[...] eu estava cansado, ouvido zunindo, cabeça oca, detestei aquele negócio de avião, perna encolhida, não consegui sossegar sentado, arrumei uma ição no banheiro, bexiga solta, desconforto no estômago, o troço balangando o tempo todo lá em cima, só de imaginar numa emergência não ter pra onde socorrer, santo deus!,

prometi que só boto os pés de novo dentro de um na hora de voltar pro Brasil (Ruffato, 2009, p. 30).

Desse modo, desgostoso e exausto da viagem, ele decide passar o seu primeiro dia em Portugal dormindo. O hotel em que se hospedou, chamado Madragoa, estava localizado em um bairro antigo de Lisboa e pertencia ao seu Seabra, um português que, quando jovem, serviu ao exército em Moçambique. O dono da pensão conta que herdou da guerra uma perna manca e problemas para dormir e, diante da dedicação que teve para defender a pátria, indigna-se ao lembrar que as colônias foram abandonadas, segundo ele, “[...] pros pretos, assim, de mão beijada [...]” (Ruffato, 2009, p. 30).

A fim de entendermos o posicionamento do dono da pensão, convém fazermos uma contextualização histórica. Portugal é conhecido pelo seu pioneirismo nas grandes navegações marítimas que acarretaram as descobertas e posses de novas terras, muitas destas no continente africano. A colonização organizada nas possessões africanas iniciou após a Conferência de Berlim (1884-85), na qual ficou acordado que a posse das terras seria assegurada pela ocupação efetiva, não pelo direito histórico. Diante disso, os portugueses se deram conta de que precisavam rapidamente realizar a ocupação antes que outros países o fizessem.

A partir da Conferência, de 1885 a 1890, foram várias as tentativas de colonização portuguesa nas áreas que consideravam suas. No ano de 1887, foi apresentado o Mapa Cor-de-Rosa, que continha a demarcação de um vasto território africano pretendido. Entretanto, segundo Margarida Calafate Ribeiro (2003, p. 3), o mapa representava “[...] uma ideia portuguesa que obedece aos impulsos imperialistas europeus da época, mas que falha porque esquece a dimensão da metrópole, ou seja, a realidade decadente e dependente do país periférico que era Portugal.” Embora tenham tido um passado de conquistas, a realidade do período colonial português era degradante, pois as fragilidades do país o impediam de se manter como centro.

As colônias representavam a oportunidade de voltar ao lugar de prestígio, pois era por meio do império que Portugal se imaginava centro. Com base nisso e apoiando-se nos estudos de Boaventura de Sousa Santos, Margarida Calafate Ribeiro define Portugal como uma “semiperiferia”, ou melhor, um “Império como imaginação do centro”, pois vai ao encontro do pensamento de Boaventura sobre a “[...] posição semiperiférica de Portugal ser dada durante séculos pela sua dimensão imperial e de hoje se basear nas relações actuais com as suas antigas colônias africanas no contexto da Comunidade Europeia [...]” (Ribeiro, 2003, p. 3).

Portugal definiu-se como o centro de um império colonial e como uma periferia da Europa ou, nas palavras de Sousa Santos, como uma semiperiferia, caracterizando-se tanto pela construção de imagens de centro, naturalmente imperiais, como de imagens de periferia (1996: 58-59; 2001: 26-29), ligadas a uma decadência secular e a uma vivência quotidiana nem sempre farta em riqueza e imaginação (Ribeiro, 2003, p. 5).

O Ultimatum Britânico, em 11 de janeiro de 1890, demonstra a realidade frágil do país luso e a sua dificuldade de efetivar a colonização. O governo britânico exige a retirada das tropas portuguesas dos territórios africanos requisitados e, caso houvesse resistência, teriam de recorrer a medidas mais enérgicas. Diante da ameaça de guerra, Portugal sujeita-se à Inglaterra e ordena a saída dos contingentes militares das áreas requeridas.

Mesmo após a humilhação do Ultimatum, os portugueses não desistiram da colonização. Acordos feitos com outros países, como Holanda e Grã-Bretanha, salvaram o sonho imperial português e, assim, Portugal pôde começar, de fato, a colonizar os territórios africanos.

A princípio, a colonização portuguesa enfrentou alguns focos de resistência entre os nativos. Contudo, as diferenças e rivalidades entre as tribos impediram-nas de se unir para combater os colonizadores. A queda de Gungunhana (1895), o último imperador negro, é símbolo da derrota dos africanos e da efetivação da colonização dos portugueses. Desse modo, pouco a pouco, a colonização convertia o africano num português. Para tanto, de acordo com Marques (2016), o passado africano foi apagado e a cultura de Portugal imposta por meio das escolas religiosas, nas quais o ensino era em português e totalmente desvinculado das tradições e costumes locais.

A instauração do Estado Novo de Salazar dificultou a vida nos territórios ultramarinos. Nesse mesmo período, ocorreu a Segunda Guerra Mundial, na qual Portugal preferiu manter-se neutro e tal posição proporcionou-lhe certas vantagens, como, por exemplo, a facilidade para a venda de produtos e o aumento da reserva de ouro. Entretanto, com o fim do conflito e a entrada de Portugal na Organização das Nações Unidas (ONU), começam as pressões pela independência das colônias. O primeiro-ministro era constantemente pressionado a libertar as colônias, mas, para ele, as posses africanas faziam parte da identidade portuguesa e abrir mão delas significava dispensar aquilo que era legitimamente seu. O autoritarismo do Estado Novo fez com que o país ficasse cada vez mais isolado, e, para justificar esse afastamento, conforme ressalta Ribeiro (2003), Salazar divulgava que esse movimento era uma decisão ideológica e política, baseada na crença de que a Europa conspirava contra Portugal.

No final da década de 1950, começam a surgir os partidos políticos e os movimentos independentistas nas colônias. A União das Populações de Angola (UPA), um grupo radical que tinha por objetivo conquistar a independência, deu início a uma série de ataques violentos no norte de Angola, ateando fogo a fazendas e assassinando centenas de colonos.

O massacre ocorrido em Angola, em 1961, foi o pretexto que Salazar precisava para enviar tropas às colônias africanas e, desse modo, dar início à Guerra Colonial. Em 1963, a guerra alcança Guiné-Bissau e, em 1964, Moçambique. Segundo Marques (2016, p. 215), os combates no território africano comprometeram financeiramente a metrópole, visto que 50% da receita do país foi destinado à compra de armamento para manter a África sob o controle português. Foram mais de 10 anos sustentando três frentes de combate, até que, em 1974, o regime do Estado Novo chegou ao fim:

[...] em 25 de abril de 1974, o movimento militar, desta vez com a parte com a participação ativa da maioria das unidades, e desenrolando-se com a maior rapidez e precisão, punha fim ao regime. Não houve praticamente resistência e quase nenhum derramamento de sangue. O governo rendeu-se em Lisboa, e Marcelo Caetano, com Américo Tomás e alguns ministros, foram presos e deportados para a ilha da Madeira, seguindo pouco tempo depois para o Brasil. Constituiu-se uma junta de Salvação Nacional sobre a presidência de Espínola, com Costa Gomes em segundo lugar. O Estado Novo deixara de existir (Marques, 2016, p. 208).

A queda do Estado Novo marca o fim da Guerra Colonial e o início da libertação das colônias africanas. A perda dos domínios africanos foi sentida por toda a nação portuguesa, pois cultivou-se no imaginário português que as terras africanas lhes pertenciam. A personagem de seu Seabra, no livro de Ruffato, representa o português apegado ao passado colonial, sua fala ressentida e saudosa é o vestígio do lamento dos lusitanos pela perda do império.

Outra personagem que sofre por uma invalidez em decorrência da guerra em África é o angolano Baptista Bernardo, que perdeu a perna ainda criança quando pisou em uma mina. Assim como Serginho, Baptista e a esposa migraram para Lisboa na intenção de proporcionar uma vida melhor para os filhos, mas a realidade é que “[...] pra não morrerem de fome, a mulher prostituía, com o consentimento do marido [...]” (Ruffato, 2009, p. 41). Aqui, temos mais uma pista de que Portugal não é o país dos sonhos dos imigrantes:

[...] todos sabiam que, quando o Baptista Bernardo refugiava lá embaixo com as crianças, é porque tinha arranjado freguês pra mulher, uma africana alta, magra e sorridente, conhecida minha de bons-dias, e abismado perguntei como alguém pode sequer pensar em alugar a própria esposa, e seu Carrilho, filosofando, “É a miséria, filho, a miséria”, e contou que o Baptista Bernardo tinha perdido a perna uns vinte anos atrás, quando, menino, pisou numa mina escondida no meio da lavoura durante a guerra entre Portugal e os independentistas (Ruffato, 2009, p. 41).

Baptista Bernardo é uma personagem que carrega consigo algumas misérias e uma herança maldita da Guerra Colonial: a invalidez permanente. Para entendermos as motivações que o levaram a migrar para Portugal, convém refletirmos sobre a situação de sua terra natal.

Posteriormente à libertação das colônias, Angola enfrentou um grande conflito interno pelo poder. Em meio à guerra, destacavam-se três movimentos que lutavam pela independência: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Embora tivessem o mesmo objetivo, existia uma grande rivalidade entre eles, pois as divergências ideológicas e políticas impediam a união dos grupos. O conflito entre as partes intensificou-se em 1975, ano em que Angola finalmente alcançou a independência.

Segundo Visentini (2012), depois da saída dos portugueses, a economia angolana encontrava-se corroída, não havia mão de obra qualificada nas fábricas, visto que a educação foi negada à maioria dos africanos. Além disso, vários transportes e estradas haviam sido destruídos, o que impedia o envio de alimento para algumas regiões. A Guerra Civil acentuou os problemas econômicos, dado que os recursos minerais (petróleo, ferro, diamantes, dentre outros) e a produção agrícola que serviam de sustento para o país foram direcionados para o financiamento do conflito. Consequentemente, a população angolana foi fortemente afetada pela escassez.

Foram várias tentativas de negociações e acordos de paz entre os movimentos, mas estes não duraram e as hostilidades recomeçaram. Somente em 2002, com a morte do líder da UNITA em combate, o conflito chega ao fim. Tendo a vitória reconhecida pelo grupo rival e por outros países apoiadores, o governo inicia um árduo trabalho para reestruturar o país e lidar com as sequelas da guerra:

Encerrava-se, dessa forma, uma das mais longas guerras civis da história contemporânea (1961-2002). Restavam, entretanto – assim como em Moçambique – milhões de refugiados e de minas terrestres dispersas e não detonadas, milhares de mutilados, além do fato de a infraestrutura angolana estar completamente destruída (Visentini, 2012, p. 88).

Além de arruinar a infraestrutura de Angola, a Guerra Civil matou milhares de angolanos e deixou vários feridos, números que aumentaram mesmo pós-guerra, por conta dos explosivos abandonados. Diante disso, Bernardo, personagem angolano afetado pelas consequências da guerra, decidiu migrar para a antiga metrópole em busca de melhores condições de vida, entretanto, a realidade em que vive em Portugal é degradante.

Regressando ao protagonista, determinado a arranjar um emprego, Serginho passa o segundo dia andando pela cidade à procura do contato que lhe fora fornecido por seu Oliveira. Em meio à andança, o mineiro se depara com o Tejo, rio que corre em Lisboa, e, num momento de reflexão, compara-o com o rio da cidade de Cataguases: “[...] perto dele o infeliz do Pomba parece Corguinho [...]” (Ruffato, 2009, p. 31). Nesse trecho, como evidencia Brandellero (2017, p. 19), há uma alusão ao verso de um poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia [...]” (Pessoa, 1993b, p. 46). Num primeiro momento, observando o Tejo, Serginho sente saudades de sua terra e até pensa em mandar um cartão postal aos familiares, mas logo desiste, pois o sentimento de inferioridade o alcança ao perceber a pequenez do rio Pombas perante o Tejo.

Após o insucesso na busca por emprego, Serginho se tranca no quarto e passa alguns dias debaixo das cobertas, pensando em admitir o fracasso, desistir da viagem e retornar ao Brasil:

Desacorçoado, gastei outros dois dias trancado no quarto, sem ânimo nem pra comer [...] e fustigava, besta!, quem mandou seguir

a cabeça dos outros!, bem que minha santa mãe, que Deus a tenha!, me dizia, se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia, me martirizava por causa daquela bobajada, e agora, fazer o quê?, confesso que pensei até em arrumar as coisas e regressar, admitir que aquele empreendimento não era pra minha estatura não, que importava se rissem do meu fracasso?, não havia sido assim até o momento? (Ruffato, 2009, p. 37).

Contudo, a ideia não vai para frente, pois lembra das promessas feitas aos seus vizinhos, amigos e familiares. Decidido a honrar seus compromissos, Sérgio retoma a busca e segue a indicação de seu Carrilho, um amigo que fez na pensão.

O seu Carrilho é um português aposentado, “[...] um tipo que gosta dos brasileiros e detesta os conterrâneos [...]” (Ruffato, 2009, p. 35), quem indica Serginho para trabalhar no Ao Recanto dos Caçadores. Seu Carrilho conta que foi jovem para o Brasil, pois queria fugir da miséria em que vivia. Morou e trabalhou com os tios até os 16 anos, quando fugiu para São Paulo, onde conheceu um outro português que lhe deu emprego e ensinou-lhe a fazer pães de variados tipos. Com a experiência e aprendizagem adquiridas, abriu sua própria padaria e conquistou uma vasta clientela e uma boa quantia em dinheiro. Quando a esposa faleceu, se deu conta de que passara a vida toda trabalhando e não desfrutara de coisa alguma, foi, então, que decidiu retornar para Portugal e procurar seus familiares. Porém, ao regressar à pátria, seu Carrilho não encontrou ninguém:

[...] e bateu-pernas atrás dos parentes, aldeia de Algosó, distrito de Bragança, mas já ninguém sabia dos Carrilhos, “Espalhados sabe Deus por que terras”, referências vagas a Angola, Moçambique, até mesmo ao Brasil, mas nem a casa onde nasceu estava mais de pé, e, assim, “Sem passado e sem futuro”, rezou na igreja de Santo Antônio, em Lisboa, e rezou na igreja de Santo Antônio, em Pádua, na Itália, cumprindo promessa, e visitou o Vaticano, quando chorou ao ver, lá-longe, o papa João Paulo II, no meio da multidão, espremido na praça São Pedro (Ruffato, 2009, p. 36).

O fato de seu Carrilho não conseguir encontrar nenhum de seus parentes nos remete novamente à Guerra em África, uma vez que muitos portugueses eram mandados para o combate, ao passo que outros, fugindo da miséria em Portugal, emigraram para o Brasil. Segundo Heloísa Paulo (1998), não havendo como impedir a emigração dos portugueses, Salazar, baseado nos interesses do regime, incute no indivíduo emigrante o papel de novo conquistador, revivendo a simbologia heroica da expansão portuguesa:

Toda a definição do “emigrar” é construída a partir desta visão determinista, possuidora de uma justificação histórica que remonta à época da expansão. Tendência “natural” da própria sociedade portuguesa, o acto de emigrar, inerente ao povo português, transforma Portugal num “produtor de gente” por excelência. Nesta óptica, a emigração é uma acto de “amor a Portugal”, pois objectiva “torná-lo ainda Maior”, uma “irradiação de lusitanismo”, sendo os “humildes Emigrantes” os “heróis” deste

“luminoso capítulo da História de Portugal” (Orlando Ribeiro, 1946, p. 8; Junta de Emigração, 1954, p. 5, 7-8 *apud* Paulo, 1998, p. 323-324).

Sendo assim, aquele que deixou sua terra natal para firmar-se nas colônias carregava consigo a identidade portuguesa, além de servir como propaganda do regime salazarista e da boa imagem do país. Mesmo após a independência dos territórios colonizados, o emigrante continua a atuar como elo entre Portugal e as ex-colônias, vestígios do passado colonizador, sendo uma espécie de garantia de futuro e continuidade da nação portuguesa.

Trabalhando no Ao Recanto dos Caçadores, Serginho conhece o Poeta, personagem que sentava todo dia na mesma mesa no restaurante de seu Frade:

[...] e, mais pra distrair a cabeça, chegava cedo e comia devagar, prestando atenção na freguesia, por exemplo, o sujeito que sempre sentava no mesmo lugar, numa das duas únicas janelas que davam pra rua inclinada. Ao meio-dia em ponto o seu Frade, o dono do estabelecimento, dispunha uma taça de vinho-tinto e uma cestinha de pão pro Poeta, como chamavam ele (Ruffato, 2009, p. 37).

Serginho, cheio de orgulho, conta a seu Frade que ele e o Poeta se tornaram amigos, porém, o dono do estabelecimento não deu importância e explicou que em Portugal todos são poetas, até os que não possuem livros. Na mesma ocasião, o protagonista também descobre que aquele Poeta é um falsificador, que, mesmo possuindo sangue azul, “[...] não tem dinheiro, só passado [...]” (Ruffato, 2009, p. 39) e, por isso, ganha a vida falsificando as assinaturas de grandes escritores portugueses:

Um dia comentei com seu Carrilho, todo orgulhoso, que era amigo do Poeta, e ele deu de ombros, “Meu filho, todo mundo nessa terra é poeta, até eu sou”, no que fiquei boquiaberto, porque nunca tinha imaginado o seu Carrilho debruçado numa mesa, descabelado, tocando a inspiração, e continuou, “Poetas sem livros... todos...”, aí perguntei quem sustenta esses tipos, passam o dia inteiro à toa e sempre têm o de-comer, e ele explicou que aquele Poeta era descendente do marquês de Alva, “Tem sangue azul”, mas não tem dinheiro, só passado, “E vive mesmo do passado”, passeia pelos alfarrabistas bateando edições antigas de grandes escritores portugueses, pra depois, imitando a firma deles, autografar os livros e revender, multiplicando o preço vinte, trinta vezes... Aquele caderno dele “Não é um rascunho de poesias”, mas um bloco de exercício de falsificação de assinaturas... E eu fiquei pasmado com tanta esperteza!” (Ruffato, 2009, p. 39).

Semelhante ao seu Seabra, o Poeta é mais uma personagem apegada às imagens gloriosas do passado e que se utiliza dele para alhear-se à realidade decadente que o rodeia. Eduardo Lourenço (2012) explica a visão que o povo

português tem de si mesmo e do mundo e como ela interfere na construção da identidade portuguesa. Segundo o autor, “Portugal vive-se ‘por dentro’ numa espécie de isolamento sublimado, e ‘por fora’ como o exemplo dos povos de vocação universal, indo a ponto de dispersar o seu corpo e a sua alma pelo mundo inteiro.” (Lourenço, 2012, p. 10). A perspectiva sublime que os cerca faz com que não saiam de si, o que é um problema.

O passado glorioso de Portugal é um elemento que interfere ativamente na identidade dos portugueses. De acordo com Ribeiro (2003, p. 7), um dos elementos fundadores da condição moderna de Portugal é

[...] o seu papel pioneiro de mediador dos mundos, que eleva a condição de fronteira de Portugal a um elemento de comunicação e de domínio entre os mundos, papel veiculado por uma imagem duplamente central. Esta imagem é a de Portugal face à Europa, como o descobridor dos novos mundos, [...]; e a imagem de Portugal face aos variados Outros, como representante da Europa, espécie assim de “cabeça” bifronte olhando para a Europa e para o Atlântico.

Diante dessas facetas, os portugueses se veem como o povo escolhido por Deus para governar e conquistar, porém a realidade pós-conquistas é deprimente. Em *Os Lusíadas*, Camões, que inicia o canto exaltando as grandes navegações que elevaram Portugal, também evoca as fragilidades que o país possui, as quais impossibilitam a manutenção da grandiosidade, e é por isso que ao final temos um canto melancólico revelador da “[...] ‘apagada e vil tristeza’ em que encontrava a sua pátria mergulhada [...]” (Ribeiro, 2003, p. 8). À parte disso, Portugal, assim como outros povos, imputou às suas cruzadas um caráter messiânico e imperial:

O mais curioso é que, num momento de fanatismo, Portugal amputou-se ou recalcou a sua parte de Israel para se tornar, paradoxalmente, uma espécie de Israel católico. Talvez estivesse na ordem das coisas ou, pelo menos, da História. Em nome de Cristo, Portugal assumiu o papel impossível de povo “eleito” (Lourenço, 2012, p. 10).

Por meio da ideia de superioridade e autoestima elevada, os portugueses prendem-se na contemplação de si mesmos, estagnados no amor exacerbado pelo passado. De acordo com Eduardo Lourenço (2012), essa singularidade marcante de Portugal impede que os portugueses compreendam o mundo ao seu redor e, conseqüentemente, se conectem ao presente.

Lourenço (2012) faz uma crítica a essa contemplação, pois ela provém mais do campo dos sonhos do que do real, e o problema surge quando os portugueses se deparam com a realidade: a maneira como os outros os enxergam. Tal situação causa um grande baque na autoestima portuguesa, já que, ao se compararem aos outros europeus, se veem menores do que são:

Esse momento de universalidade – mais sonhado do que real –, justificado menos por qualquer potência temporal do que pela irradiação de uma fé, vivida como luz e dom de Deus, tornar-se-á

para os portugueses aquele “lugar” onde eles se vêem, ao mesmo tempo maiores e mais pequenos do que são. Essa identidade mítica, razão da sua estranheza e do seu mistério, é o seu céu e a sua cruz (Lourenço, 2012, p. 10-11).

A crença de que são o povo eleito por Deus para conquistar e governar faz com que os portugueses não suportem quem desconheça seu destino. Na novela, há outro poeta que evidencia o trauma português de ser ignorado: o Lopo Garcia, um homem mais velho, de cabelos grisalhos, alto e magro, que também frequentava o Ao Recanto dos Caçadores. Quando ele chegava ao estabelecimento, todos paravam para ouvir atentos a sua palestra. Serginho, percebendo a deferência com que o tratavam, questionou seu Frade a respeito daquele homem:

Uma vez, desencabulei e especulei do seu Frade quem era aquele fulano que todo mundo puxava-o-saco, e ele, fora-de-si, só faltou me bater, gritando, “O Lopo Garcia?! É a Ideia Viva de Portugal”, “O Mais Capaz de Todos os Concidadãos”, “A Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa”, e que só desculpava minha ignorância porque eu era brasileiro, mas que anotasse o nome, pois muito ainda “Haverá de ouvir dele”, que estava tramando o “Grande Livro”, que ia ocupar com destaque todas as montras das livrarias, um negócio definitivo, e, vermelho, sem fôlego, achei que ele ia ter um troço (Ruffato, 2009, p. 38).

Após ter conhecimento da relevância de Lopo Garcia, Serginho indaga, preocupado, se “[...] o homem, já meio-passado, não terminasse logo a tal obra, não corria o risco de morrer antes de usufruir do sucesso?” (Ruffato, 2009, p. 39), e seu Frade, já sem paciência, diz que isso não faz diferença, pois, mesmo depois de morto, Lopo jamais será esquecido. Novamente, percebe-se o apego ao campo dos sonhos e da memória, bem como a construção de um legado no imaginário, visto que, na realidade, o livro desse notável poeta ainda nem havia sido publicado.

No final da novela, a personagem Lopo Garcia aparece novamente. Dessa vez, Serginho o encontra na praça. Ensandecido, o poeta indagava, aos gritos, quanto valem os portugueses. Em meio à multidão, pede para que o mineiro faça uma oferta:

“Antecipemo-nos! Vendamo-nos enquanto resta tempo!”, bradava, possuído, e, me localizando no meio do povo que assistia o espetáculo, segurou meu braço, perguntou em voz alta, “Quanto achas que valho, pá?”, e eu, imaginando que ele tinha me reconhecido de quando frequentava a tasca, vasculhei o bolso, respondi, chistoso, “Cinco euros”, e ele, puxando a nota da minha mão, desfilou berrando, “Cinco euros!, cidadãos, cinco euros!”, agora, até um brasileiro tem o desplante de fazer uma oferta por um português, e vejam o preço que ele propõe, “É isto, o quanto valem?”, e, abordando as assustadas pessoas que por ali circulavam, apontava pra mim, gritando, “Aquele brasileiro quer me comprar por cinco euros! Eu, um lusitano de quatro costados!, não um retornado, mas um legítimo descendente de Viriato!, cinco euros! É isso, o quanto valem?” (Ruffato, 2009, p. 63).

Nessa passagem, a indignação de Lopo Garcia diante do lance de Serginho nos remete à problemática da insatisfação dos portugueses quando se veem a partir do olhar do outro. A nacionalidade do protagonista é evidenciada para reforçar a ideia de insulto, pois como pode um brasileiro, que fora colonizado por portugueses, ter a audácia de fazer uma oferta por um português? Diante dessa sensação de descontentamento é que Portugal se fecha para o mundo e “vive-se por dentro”, como explica Eduardo Lourenço (2012, p. 11):

Mas o que surpreende, nos portugueses, é o fato de parecer terem decidido viver como os cristãos nas catacumbas. Não porque pese sobre eles qualquer ameaça efetiva, mas porque não suportam ser olhados por quem ignore ou tenha esquecido a sua vida imaginária. Preferem então, a exemplo de Fernando Pessoa, ausentar-se de si mesmos e outorgar-se, como ele o fez com insólita fulgurância, o estatuto mesmo da Ausência. Uma ausência em que Tudo e Nada são indefinidamente reversíveis:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

A falta de conhecimento sobre si mesmo não é exclusividade dos portugueses, mas o que decidiram fazer diante disso é o que os diferencia. As personagens seu Frade e Lopo Garcia não suportam o fato de Serginho ter ignorado ou esquecido os feitos de Portugal e, por isso, recorrem ao passado e a sua vida imaginária. Sendo a representação da “ideia viva de Portugal”, “[...] um lusitano de quatro costados!, não um retornado, mas um legítimo descendente de Viriato!” (Rufatto, 2009, p. 63), Lopo Garcia serve de lembrança constante da glória portuguesa e da promessa divina de que tudo podem fazer. Segundo Lourenço (2012), os portugueses recusam o “nada”, pois carregam consigo “todos os sonhos do mundo”:

Com todas as forças do nosso imaginário, recusamos o Nada. Sem dúvida, isso é verdadeiro para toda a humanidade. Mas para nós, portugueses, essa recusa tornou-se um hábito da nossa alma. A *saudade*, descida no coração do tempo para resgatar o tempo nosso, pessoal ou coletivo é como uma lâmpada que recusa apagar-se no meio da Noite (Lourenço, 2012, p. 15).

O resgate do tempo português, do período áureo de outrora, implica dois movimentos realizados pela personagem Lopo Garcia: a revisitação do passado através da memória e a recusa da imagem de insignificância ou inexistência, que vem do olhar do outro. Acerca desta, é exemplar a postura de Fernando Pessoa,¹

¹ Pessoa recusa a sensação de desconhecimento e se propõe a escrever sobre Lisboa, pois, para ele, “Fazer um Atlas – um guia – desse corpo é um gesto ao mesmo tempo de cultura e amor. Para Pessoa, Lisboa foi mais do que uma cidade, foi a pátria condensadamente [...]” (Lopes, 2008, p. 11). O amor que nutria pela pátria fez com que Pessoa recusasse o “nada”, sendo assim, em seus versos, exaltava a cultura portuguesa.

que, em um texto datado de 1925, revelou, conforme Teresa Rita Lopes (2008), um trauma antigo ao saber que em Durban – cidade da África do Sul onde morou com a família por alguns anos – as pessoas não conheciam e/ou ignoravam Portugal e os feitos grandiosos dos portugueses.

Ignorando as feridas reais e a decadência que os rodeia, a relação que os portugueses constroem com o passado é puramente saudosa e, mergulhados nesse intenso amor, afastam-se da realidade. Sendo assim, a conexão com o presente ocorre através do sonho e é “[...] esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a ‘alma portuguesa’ não quer abandonar.” (Lourenço, 2012, p. 14). Desse modo, os portugueses, investidos da saudade, não apenas voltam ao passado como inventam-no e são, por isso, um povo sonhador: “Mais quixotescos que d. Quixote [...]” (Lourenço, 2012, p. 14), seguem suportando a realidade sem a necessidade de ceder a ela.

Serginho trabalhou por pouco tempo no Ao Recanto dos Caçadores. Algum tempo depois, seguindo outra indicação, o mineiro arrumou emprego n’O Lagar do Douro, restaurante de seu Peixoto. Dessa vez, o salário e as gorjetas eram melhores e Serginho renovou as esperanças de juntar uma poupança para retornar ao Brasil. Entretanto, havia outro garçom que competia pelas gratificações dos clientes, o Anatólio, um ucraniano de boa aparência que falava outros idiomas para agradar e conquistar a freguesia e, assim, recebia uma grande quantidade de gorjetas.

Certo dia, após sair do serviço, Serginho decide ir em busca de uma aventura sexual, que não termina bem. Frustrado, andou pela cidade sem rumo e acabou ficando perdido. A rua em que estava era conhecida pelas casas de prostituições e meretrizes que tomavam o local. É nesse momento que Serginho busca ajuda para retornar ao seu bairro e conhece Sheila, uma brasileira que também migrara para Portugal com o intuito de melhorar de vida. Ao contrário do que esperava, a moça não concretizou esse desejo e, na realidade, precisa “[...] deitar com desconhecidos em troca de trinta, quarenta euros, ir mais de uma vez pra cama numa única noite e outras jornadas amargar sem freguesia [...]” (Ruffato, 2009, p. 52), sonhando com um emprego digno.

Dolabella (2015) recolhe depoimentos de mulheres brasileiras que trabalham em casas de alterne em Portugal e todas relatam sobre a frustração das experiências iniciais no novo país. O trabalho em setores subalternos – servindo mesas nos cafés e restaurantes, cuidando de idosos, limpando casas, etc. – não supre as expectativas financeiras e, conseqüentemente, as mulheres são atraídas para o mercado sexual. Segundo os relatos recolhidos pela antropóloga, o valor que ganham oferecendo bebida e fazendo companhia por algumas horas nas casas de alterne é superior ao que ganhavam trabalhando nos empregos anteriores. De acordo com Dolabella, as casas de alterne não oferecem serviços sexuais já que o país deu início à criminalização da prostituição por conta do grande número de imigrantes ilegais nessa situação e também porque há a questão moral que circula na mídia portuguesa em relação à exploração sexual. Entretanto, o bar autoriza que as mulheres discretamente ofereçam serviços sexuais, desde que a realizem fora do estabelecimento. Ademais, a prostituição nas ruas, praticada por mulheres migrantes, é comum, como é o caso da personagem Sheila.

Não demorou muito para todos d’O Lagar do Douro ficarem sabendo da nova amizade de Serginho e começarem as especulações sobre Sheila. Seu Peixoto

declarou, malicioso, que a moça era “puta”, e dona Celestina, cozinheira do restaurante, especulando tratar-se de uma brasileira, disparou “Então é rameira” (Ruffato, 2009, p. 48). Até mesmo seu Carrilho, ao saber da novidade, pediu para que o mineiro tomasse cuidado com a mulher, pois ela não era de confiança.

De acordo com Dolabella (2015, p. 36), a imagem das imigrantes brasileiras em Portugal reflete a dinâmica de segregação racial e de gênero construída com base nas ideias de dominação pós-colonial, desse modo, os adjetivos dados a elas referem-se à submissão, sexualização e baixa escolaridade. A antropóloga comenta que esse estereótipo é reforçado pela presença majoritária de mulheres brasileiras no mercado sexual e em setores subalternizados do país luso. Com base nisso, o pré-julgamento feito sobre Sheila vai ao encontro do senso comum português.

Serginho ignorou os avisos dos amigos e voltou a se encontrar com Sheila. Marcou um encontro com a brasileira, que aproveitou o momento para contar sua história de vida e como foi parar em Portugal. Comovido com a situação da moça e sem pensar, lhe propôs um casamento, mas, diante da proposta, ela levantou e saiu correndo do local.

Depois desse episódio, Sheila ficou semanas sem dar notícias e Serginho resolveu respeitar a reação da moça e não a procurou. Contudo, em um determinado dia, o mineiro acorda com uma ligação dela solicitando que ele fosse ao seu encontro com urgência. Quando se encontram, a brasileira pede para Serginho acompanhá-la até outro local, onde iria se encontrar com uma pessoa. Muito prestativo, o protagonista segue a mulher.

Chegando ao local, Sheila prontamente o apresentou ao homem que a esperava: o senhor Almeida, um angolano que vivia em Portugal desde os anos de 1980. Simpatizado com os brasileiros, pôs-se a contar um pouco mais de sua vida:

Olhando pra mim, a mão no meu joelho, dissertou fanfarrão que tinha liderado tropas da Frente Nacional de Libertação de Angola, onde nasceu na serra de Ambuíla, e puto ainda, vendo o sofrimento dos bakongos, havia aderido à causa, e, porque tinha instrução, “Estudei numa missão batista no Uíge”, com dezoito anos comandava uma vasta região libertada, mas em meados dos oitenta fugiu pra Portugal, com a roupa do corpo, “E para quê?”, tudo em vão, “Sacrifiquei a minha juventude” no meio de florestas, atravessando rios, perdendo a saúde no cacimbo, lutando contra os tugas, de um lado, os comunistas, do outro, e, hoje, Angola “É aquilo que se vê” (Ruffato, 2009, p. 60).

A fala do senhor Almeida relembra os movimentos que lutaram pela independência de Angola, em especial a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), grupo do qual fazia parte. Segundo Visentini (2012), a FNLA utilizava a bandeira racial e, por isso, declarava-se contra os brancos e portugueses, além de serem anticomunistas. A FNLA dominava a região nordeste de Angola, que fazia fronteira com o Zaire e tinha como base a elite africana dos *bakongos*. Nota-se que o senhor Almeida é mais uma personagem que guarda ressentimento das guerras em que lutou, visto que passou sua juventude “[...] lutando contra os tugas, de um lado, os comunistas, do outro [...]” (Ruffato, 2009, p. 60) inutilmente, já que o país africano encontrava-se numa situação degradante. Contudo, vivendo em Portugal

desde a década de 1980, o angolano conseguiu poupar recursos e tornou-se uma espécie de agiota que, aproveitando-se das situações precárias de quem o procura, faz empréstimos a migrantes vindos das ex-colônias de Portugal. Entretanto, para fornecer a tal ajuda, o senhor Almeida cobra por garantias e, assim, apropria-se de bens pessoais e documentos de imigrantes.

Por esse motivo, Sheila foi procurá-lo, pois necessitava de uma quantia que chegava aos dois mil euros. O agiota avaliou que era um valor alto e perguntou o que ela tinha para oferecer como garantia. A mulher apresentou-lhe o seu passaporte, porém o senhor Almeida achou insuficiente. Num ímpeto de afobação, Serginho sacou seu documento e entregou ao angolano, que, com a posse de dois passaportes, deu-se por satisfeito. No mesmo instante no qual cedeu o passaporte, Serginho recordou uma conversa com seu amigo Rodolfo, que, percebendo a paixão do mineiro por Sheila, alertou:

“Ficou doido?”, aconselhou a não mexer com aquilo não, “Tem uma verdadeira máfia por trás desse negócio”, diferente o caso dela, “Veio por vontade própria, pra prover a família, fugir da miséria”, expliquei, ele rebateu, “É, sempre a mesma história”, mas na profundez impera a violência, as drogas, a escravatura, “Tenho nada com isso não”, mas aconselhou, “Sai dessa”, emendando que, mesmo bacana, “Ela vai consumir tua poupança, vai te deixar a zero”, e continuou, “Pode escrever... É da natureza da... ocupação...” (Ruffato, 2009, p. 61).

Depois desse dia, Serginho nunca mais avistou Sheila e se deu conta de que, apesar dos alertas, havia caído no golpe. Rememorando a conversa com Rodolfo, o protagonista constata que o desejo de juntar dinheiro dificilmente se realizaria, uma vez que os empregos disponíveis para os imigrantes não pagavam bem e o pouco que recebem é enviado aos familiares que necessitam de ajuda. Ademais, o amigo aponta que, em Portugal, eles nem possuem nome, são simplesmente brasileiros, o mesmo que nada:

É ilusão, Serginho”, pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, “Volta nada”, a precisão drena os recursos, “É a mãe doente na fila do SUS, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro, é um irmão que estuda, uma irmã que casa, um sobrinho problemático”, os cabelos caem, a pele enruga, “Nessa brincadeira” cinco anos escorreram já, “E sabe quanto consegui acumular? Nada... Porra nenhuma (Ruffato, 2009, p. 62).

Ouvindo as ideias de Serginho sobre o futuro promissor que buscava em Portugal, Rodolfo tentou fazer com que o amigo enxergasse a realidade e parasse de sonhar que um dia voltaria ao Brasil. A derrocada da aventura do protagonista é apontada a todo momento durante a narrativa. Cada interação com outras personagens e os eventos que se desenrolam indicam que o final da história não seria o que foi idealizado pelo mineiro.

Para piorar a situação, Serginho foi demitido d’O Lagar do Douro para ser substituído por outro ucraniano, pois, segundo seu Peixoto, além dos imigrantes do

Leste europeu serem os preferidos dos clientes por conta da educação e boa aparência, também possuem mais instrução e vontade de construir uma vida em Portugal, ao contrário dos brasileiros, que só pensam em voltar à terra natal.

Estive em Lisboa e lembrei de você também revela o preconceito acerca dos imigrantes que chegam do Brasil, geralmente vistos como pessoas aproveitadoras e de caráter duvidoso, preguiçosos e sem estudo. Serginho passa por alguns episódios em que é pré-julgado e ofendido por conta da nacionalidade. Diante dos fatos sucedidos, o protagonista se questiona acerca da validade de persistir no objetivo inicial.

Jean-Pierre Cassarino (2013) discorre sobre a migração de retorno e pontua os motivos que levam o indivíduo migrante a retornar à pátria. As teorias estudadas pelo autor diferem pouco entre si, porém há um ponto em comum: as aspirações e expectativas de quem migra. Conforme o autor, as experiências que esperam vivenciar no país de acolhida estão relacionadas à ascensão financeira, no entanto, o fracasso desse propósito pode impulsionar o retorno do migrante ao país de origem. Ademais, a teoria transacional aborda a ligação do migrante com a terra natal, seja pelo apego emocional (saúde da família, dos amigos e do local onde nasceu), seja pela sensação de pertencimento que faz parte da identidade do indivíduo.

Luiz Ruffato, em uma entrevista dada durante o Congresso *Culture e letteratura in dialogo: identità in movimento*, fala sobre a figura do imigrante:

O imigrante, a qualquer tempo, carrega consigo a sensação de não pertencimento, fazendo com que a sua história pessoal tenha de ser continuamente refundada. Partir, como disse acima, não é só desprender-se de uma paisagem, de uma cultura. Partir é principalmente abandonar os ossos dos antepassados, imersos na solidão silenciosa dos cemitérios, é deixar para trás uma história comum, feita de dor e luta, de alegrias e memórias (Bongo, 2017).

Ao chegar em um país desconhecido, o imigrante se sente perdido e desenraizado, uma vez que abandona tudo o que conhece e é parte de sua identidade. Conforme Ruffato (Bongo, 2017), a decisão de migrar é feita em último caso, ou seja, quando o indivíduo se vê sem opções, e isso o obriga a deslocar-se e deixar para trás toda a sua história. Tal situação ocorreu com Serginho, que decidiu migrar quando se viu sem rumo. Contudo, o protagonista parte com a intenção de retornar a Cataguases após alcançar a prosperidade nas finanças, entretanto, o que vivenciou em Lisboa não supre as expectativas e sua possível volta estaria ligada ao fracasso.

Dispensado do emprego, passa alguns dias procurando por Sheila a fim de reaver seu passaporte, todavia, não consegue encontrá-la. Desse modo, desempregado e sem documento, além de aflito imaginando que o agiota iria persegui-lo, Serginho decide debandar-se às escondidas do Hotel Vizeu e arranjar uma vaga numa pensãozinha na periferia da cidade, passando, então, a trabalhar como ajudante de pedreiro.

No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu e homiziei no apartamento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me

arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora. E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de SG, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar (Ruffato, 2009, p. 66).

No fim da novela, percebe-se que o protagonista toma ciência de que havia falhado. Ao contrário de ter conquistado uma melhor condição de vida, Serginho, desde que chegou em Portugal, passou por um processo de piora que o levou a uma realidade ainda mais decadente. A ingenuidade e inexperiência do mineiro é aparente desde o início da narrativa, tal característica fez com que passasse por várias situações desagradáveis. Contudo, os últimos acontecimentos despertaram-no para a realidade. A imagem do protagonista entrando numa tabacaria e voltando a fumar corrobora o pensamento de que, finalmente, havia abandonado a ingenuidade e tornado-se consciente. Tal hipótese é reforçada se fizermos uma leitura intertextual, relacionando a última cena da novela ao poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa-Álvaro de Campos.²

Conforme Laurent Jenny (1979), a intertextualidade é um elemento presente nas obras literárias, uma vez que comumente os textos aludem, mesmo que implicitamente, a outros textos. O nível de explicitação da intertextualidade também depende da sensibilidade de quem lê. Portanto, para Jenny, é importante que, durante a leitura, o feito intertextual seja constatado pelo leitor. Desse modo, ao identificar o fragmento assimilado, é possível adotar duas posturas:

[...] ou prosseguir a leitura, vendo apenas no texto um fragmento como qualquer outro, que faz parte integrante da sintagmática do ou então voltar ao texto-origem, procedendo a uma espécie de anamnese intelectual em que a referência intertextual aparece como um elemento paradigmático “deslocado” e originário duma sintagmática esquecida (Jenny, 1979, p. 21).

Sendo assim, o autor condiciona a intertextualidade ao modo de leitura. Além disso, Jenny explica que a alusão pode estar presente no nível da palavra:

Sejam quais forem os textos assimilados, o estatuto do discurso intertextual é assim comparável ao duma super-palavra, na medida em que os constituintes deste discurso já não são palavras, mas sim coisas já ditas, já organizadas, fragmentos textuais. A intertextualidade fala uma língua cujo vocabulário é a soma dos textos existentes. Opera-se, portanto, uma espécie de

² Álvaro de Campos é um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Segundo Pessoa, na “Carta a Adolfo Casais Monteiro – 13 Jan. 1935”, em que explica o surgimento de seus heterônimos, Álvaro de Campos é o poeta engenheiro que nasceu no ano de 1890 em Tavira, Portugal. Nesse mesmo texto, é dito que as obras de Campos surgem de forma repentina, de um “[...] impulso para escrever e não sei o quê [...]” (Pessoa, 1986). Em “Tábua bibliográfica”, Pessoa descreve Campos como emotivo e que seus escritos são escandalosos e irritantes (Pessoa, 1928). Sua obra passa por três fases: a) decadentista; b) eufórica; c) pessimista. O poema “Tabacaria” está inserido na terceira fase, na qual o poeta, cansado e entediado, escreve sobre estar vencido e o sentimento de ter fracassado.

separação ao nível da palavra, uma promoção a discurso com um poder infinitamente superior ao do discurso monológico, corrente. Basta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los. O texto de origem lá está, virtualmente presente, portador de todo o seu sentido, sem que seja necessário enunciá-lo (Jenny, 1979, p. 21-22).

Desse modo, a cena final de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, na qual o protagonista entra em uma tabacaria e volta a fumar, relaciona-se com o poema “Tabacaria”, de Álvaro de Campos. Ao encontramos tal alusão, a alternativa adotada é de retornar ao texto-origem e verificar as relações de sentidos existentes entre as obras.

O poema de Álvaro de Campos apresenta um eu lírico angustiado por ser consciente do seu fracasso e que sofre pela impossibilidade de viver na inconsciência. Da janela de seu quarto, o eu lírico expõe a dificuldade de se conectar com o mundo, pois ele só acessa a realidade através do pensamento e, assim, sente-se frustrado:

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.
(Pessoa, 1993a, p. 252).

Depois das tentativas de conexão com o mundo real terem falhado, Álvaro de Campos sente-se vencido. O mesmo acontece com Serginho, que, embora tenha tentado superar as dificuldades para se manter em Portugal e realizar seus desejos, ainda assim não conseguiu alcançar seu objetivo e, por isso, sentimentos de cansaço e frustração o alcançam. Frustração também é apresentada pelo sujeito poético de “Tabacaria”:

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa,
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?
(Pessoa, 1993a, p. 252).

Nessa estrofe, podemos notar outra semelhança entre o eu lírico de Álvaro de Campos e o protagonista da novela de Luiz Ruffato. Incentivado por tudo que ouviu sobre Portugal, Serginho migra para o país com grandes planos, na esperança de encontrar lá a oportunidade de prosperar, no entanto, o que vivencia

em Lisboa é uma realidade deplorável. No poema, a frustração leva o eu lírico a se afastar da janela e mergulhar numa longa reflexão.

Após refletir demasiadamente, o eu poético volta-se à tabacaria e observa um homem entrar no estabelecimento:

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
(Pessoa, 1993a, p. 252).

Nesse momento, Álvaro de Campos é tomado novamente pela consciência, e, para aliviar a realidade que veio à tona, decide acender um cigarro, a fim de saborear no tabaco a sensação de libertação de todos os pensamentos:

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar
mal disposto.
(Pessoa, 1993a, p. 252).

Nessa estrofe, nota-se que o cigarro atua como uma válvula de escape da consciência. Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, o fumo funciona de forma semelhante ao poema “Tabacaria”. No primeiro capítulo da novela, Serginho inicia o relato contando sobre as tentativas de parar de fumar sem ajuda médica, as quais não deram certo, e salienta que, no último teste, os amigos não aguentaram as suas crises de nervos e presentearam-no com um maço de cigarro, para que voltasse a ser calmo e paciente. Em vista disso, podemos inferir que o cigarro proporcionava ao protagonista um momento de alívio do estresse. Entretanto, o mineiro queria parar de fumar e, por isso, buscou orientação do doutor Fernando. Com a ajuda médica, Serginho conseguiu conter o vício por seis anos, até que a sua aventura em Portugal desanda e, ao dar-se conta do seu fracasso, volta a fumar, pois nesse momento o cigarro proporciona-lhe uma fuga da realidade.

Considerações finais

De acordo com Boaventura de Souza Santos (2003), Portugal é um país semiperiférico desde o século XVII. O autor explica que essa condição resulta de um desenvolvimento econômico intermediário, além de o país estar posicionado entre o centro e a periferia da economia-mundo. Segundo Santos, a posição de semiperiferia reproduziu-se a partir do sistema colonial e se manteve mesmo depois das independências das colônias, no modo como Portugal foi inserido na União Europeia. Tal condição semiperiférica interferiu na autorrepresentação dos portugueses, dado que, segundo Ribeiro (2003), gerou a existência simultânea de dois tipos de discurso: o “discurso épico” e o “discurso de perdição”. Em *Os*

Lusíadas, é possível notar a presença das duas categorias enunciativas, visto que, ao mesmo tempo que são cantadas as maravilhas e conquistas de Portugal, a epopeia termina em um tom de lamento, pois o canto é ouvido por “gente surda e endurecida”.

Santos (2003) explica que, se considerarmos o colonialismo português com base na “especificidade” – caracterizado como desvio da norma padrão –, criamos uma hierarquia entre os colonialismos europeus. Dessa forma, perante o colonialismo britânico, o ciclo colonial de Portugal ganhou o perfil de subalterno. Outro ponto que diferencia o colonialismo português dos demais é o fato da “[...] experiência da ambivalência e da hibridez entre colonizador e colonizado [...]” (Santos, 2003, p. 26). Por esse motivo, a identidade portuguesa transita entre Próspero e Caliban:

O Próspero português não é apenas um Próspero calibanizado: é um Caliban quando visto da perspectiva dos Super-Prósperos europeus. A identidade do colonizador português é, assim, duplamente dupla, constituída pela conjunção de dois outros: o outro que é o colonizado e o outro que é o próprio colonizador enquanto colonizado. Foi essa aguda duplicidade que permitiu ao português ser emigrante, mais do que colono, nas “suas” próprias colônias (Santos, 2003, p. 27).

A imagem do colonizador quase sempre representa a soberania de um império, mas, no caso do português, “[...] essa identidade imperial não lhe é outorgada por ninguém além dele, ele é de fato um sujeito tão desprovido de soberania quanto o colonizado.” (Santos, 2003, p. 28). Então, por não apresentarem uma identidade imperial sólida, os portugueses adaptam seu discurso de acordo com a necessidade. Portanto, temos na “[...] construção identitária dos portugueses a urgência, a sugestão, a surpresa, a improvisação e a violência não organizada. Qualquer delas aponta para formas de validação que só são convincentes como biografia e expressividade.” (Santos, 2003, p. 50).

Ao analisarmos as personagens portuguesas de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, notamos sua falta de conexão com a realidade, ao passo que, quando entram em contato com o protagonista, vindo de uma ex-colônia, constroem um discurso dentro de um espaço simbólico de soberania ligado ao passado imperial português no qual não se dão conta da real situação de semiperiferia em que vivem. Ademais, as falas dos portugueses demonstram que a história dos lusitanos é tomada pelo misticismo, o que faz com que se afastem ainda mais da realidade.

Dentre as personagens que apresentam o apego pelo passado, destacam-se o Poeta falsificador e Lopo Garcia, pois ambos evidenciam o déficit de realidade causado pelo excesso de misticismo, visto que recorrem ao fato de descenderem da nobreza e do legado lusitano glorioso para provarem que possuem relevância, além de servirem de lembrança constante da crença divina de que os portugueses tudo podem fazer. Envoltos na memória do passado, eles recusam o sentimento de serem desconhecidos e, com isso, afastam-se do presente semiperiférico em que vivem.

Boaventura de Sousa Santos (1999) aponta para o excesso de pensamento mítico como compensador do déficit de realidade, muito presente nas elites

culturais que se fecham na autocontemplação. Por parte dos portugueses, conforme Lourenço (2012), não existe interesse em reparar em um olhar exterior que os desperte dessa contemplação feliz e deslumbrada de si mesmos. Na novela de Ruffato, a reação dos portugueses diante do olhar de Serginho expressa a repulsa por serem olhados com desconhecimento.

Diante das situações relatadas por Serginho durante a narrativa, é perceptível que Portugal é um país semiperiférico, visto que as personagens portuguesas também se encontram em dificuldades e os amigos imigrantes tampouco conseguem ascender. Tal é o caso do protagonista, cuja trajetória é marcada pela decadência. Por fim, nossa análise apontou para a conjugação de feições decadentes na novela: a das personagens portuguesas – que sugere a posição semiperiférica de Portugal – e a do protagonista estrangeiro – o brasileiro, que, desempregado, vai morar na periferia de Lisboa e aceita trabalhar como ajudante de pedreiro, experimentando uma situação ainda pior que as anteriores.³

Referências

BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato por Sepontina Bongo. *Signótica*, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 259-268, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/44867/25074>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BRANDELLERO, Sara. Táticas do cotidiano em Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa, n. 27, p. 12-23, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/416>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 21, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/3BV7KhXPCvdcTryPh5SGc6n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DOLABELLA, Lira Turrer. Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 21-50, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000100002>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ESTIVE em Lisboa e lembrei de você: Luiz Ruffato. [S. l.], 02 out. 2009. 1 vídeo (4 min 59 s). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9pNaYWFpyM>. Acesso em: 17 mar. 2023.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: INTERTEXTUALIDADES. Tradução do francês de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 5-49. (Tradução da edição original francesa de Poétique: Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires. Paris: Editions du Seuil, [197-]. n. 27).

³ As dificuldades no Brasil e a chegada a Portugal.

- LOPES, Teresa Rita. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. *Lisboa: o que o turista deve ver*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2012.
- LUIZ Ruffato: encontros de interrogação (2004). [S. l.], 22 jun. 2009. 1 vídeo. (5 min 59 s). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VzY_GsNT_YM. Acesso em: 8 fev. 2023.
- LUIZ Ruffato: o desejo e o estranhamento na leitura. [S. l.], 25 nov. 2020. 1 vídeo (16 min 15 s). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPVAUF6whUw>. Acesso: 8 fev. 2023.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Brevíssima história de Portugal*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016.
- PAULO, Heloísa. O Estado Novo e a emigração: alternativas e propostas. *Máthesis*, [Lisboa], v. 7, p. 291-326, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/mathesis.1998.3816>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- PESSOA, Fernando. Carta a Adolfo Casais Monteiro: 13 Jan. 1935. In: PESSOA, Fernando. *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986. p. 199. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica. *Presença*, Coimbra, Portugal, n. 17, dez. 1928. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2700>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1993a. p. 252. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/163>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993b. p. 46. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3555>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo. *Oficina do CES*, Coimbra, Portugal, v. 188, p. 1-40, maio 2003. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/32718>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUFFATO, Luiz. Memórias coletivas. In: BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 119-123.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 66, n. 2, jul. 2003. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-66/>. Acesso: 19 nov. 2022.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 1999.
- VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

Para citar este artigo

PORTO, Elayne da Silva; DUARTE, Carina Marques. Feições decadentes: uma leitura de Estive em Lisboa e lembrei de você. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 148-172, maio-ago. 2024.

Autoria

Elayne da Silva Porto é graduada em Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Integra o Grupo de Pesquisa Literatura e Tempos Sombrios. *E-mail*: elayne.porto@ufms.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-0320-8614>.

Carina Marques Duarte é professora adjunta de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio pós-doutoral em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no PPG Letras UFRGS, e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras CPTL). É líder do grupo de pesquisa Literatura e Tempos Sombrios (UFMS/CNPQ). *E-mail*: carina.duarte@ufms.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1402-1358>.